

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto **Esparadrappo**, de Daniel da Rocha Leite

“Solo sabemos flotar cuando algo es bueno”: un análisis del cuento *Esparadrappo*, de Daniel da Rocha Leite

Genisson Paes Chaves
Anael Souza Nascimento
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Brasil

Resumo

Este artigo analisa o conto *Esparadrappo*, escrito por Daniel da Rocha Leite, e selecionado pela Lei Aldir Blanc de fomento à cultura. Se pautando nos referenciais antropológicos e partindo do pressuposto de que histórias tem muito mais força do que a teoria (ADICHIE, 2021), acompanhamos a relação estabelecida entre a protagonista Beatriz e o personagem Bruno, buscando estabelecer correlações entre a ficção apresentada na narrativa e a realidade vivida por muitos brasileiros. Os dados sugerem que o conto em questão é uma fonte importante para educadores e pais trabalharem com o público infanto-juvenil, na medida em que permite refletir sobre situações abusivas nas relações comumente enfrentadas por crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: Etnografia; Literatura; Relações Sociais.

Resumen

Este artículo analiza el cuento *Esparadrappo*, escrito por Daniel da Rocha Leite, y seleccionado por la Ley Aldir Blanc para promover la cultura. Con base en referencias antropológicas y partiendo del supuesto de que los relatos tienen mucha más fuerza que la teoría (ADICHIE, 2021), seguimos la relación que se establece entre la protagonista Beatriz y el personaje Bruno, buscando establecer correlaciones entre la ficción presentada en la narración y la realidad vivida por muchos brasileños. Los datos sugieren que la historia en cuestión es una fuente importante para educadores y padres para trabajar con niños y adolescentes, ya que les permite reflexionar sobre situaciones comúnmente enfrentadas por niños, jóvenes y adultos.

Palabras llave: Etnografía; Literatura; Relaciones sociales.

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

1. Introdução

Há tempos que a literatura e a antropologia se encontram, convergem e divergem. Se lermos os romances de Dalcídio Jurandir ou de Inglês de Sousa, dois de nossos mais notórios escritores, vislumbramos análises interessantes acerca das relações sociais de parte significativa dos povos amazônicos por eles abordados e que muito nos inspiram a compreendê-los na contemporaneidade.

Se formos de encontro aos romances de Lygia Fagundes Telles, como por exemplo, *Ciranda de Pedra*, publicado no ano de 1954, vamos penetrar nas especificidades de uma família de classe média alta do Rio de Janeiro, que ainda hoje, ajuda-nos a refletir sobre a vida desse estrato social. Mais recentemente temos o aclamado *“Torto Arado”*, de Itamar Vieira Junior, publicado no ano de 2019, uma obra cuja narrativa traz significativos elementos para pensarmos sobre as questões de negritude e de nosso passado não resolvido.

Mais do que meras ficções, a literatura dispõe de obras que são reveladoras da vida em sociedade, na medida em que refletem os costumes, medos e os desejos de um povo em determinado momento histórico e sociocultural.

De acordo com Vieira e Darwich (2022, p. 7): “Literatura é herança cultural de uma nação. Por meio dela se exprime a identidade do povo, seus valores, sabedoria, aspirações, medos, sonhos, tragédias e alegrias”. Logo em seguida, os autores também chamam atenção para o fato de que em nosso país não “há o pleno fomento necessário para a leitura e a escrita instrumental” (VIEIRA; DARWICH, 2022, p. 7), o que corrobora com a não plenitude de sujeitos autônomos e críticos de sua própria sociedade.

Diante do exposto e tendo como base a ideia de que histórias tem muito mais força do que a teoria (ADICHIE, 2021), neste artigo analisamos o conto *“Esparadrapo”*, de Daniel da Rocha Leite. Nesse sentido, acompanhamos os dilemas de Beatriz, uma menina que enfrenta o turbilhão do “primeiro amor”. Como objetivos específicos buscamos: a) compreender como os sentimentos experimentados por Beatriz moldam suas decisões; b) como suas atitudes podem ajudar-nos a refletir sobre nossos próprios dilemas; c) identificar e avaliar elementos que podem ser trabalhados em sala de aula com alunas e alunos do ensino fundamental.

As análises aqui apresentadas se pautam nos referenciais antropológicos, isto é, na etnografia. Conforme Gusmão (2015, p. 26):

A etnografia, prática por excelência dos antropólogos, não é apenas uma técnica descritiva, frequentemente identificada com o trabalho de campo, a observação

participante, a investigação qualitativa ou atividades concretas como as entrevistas, o questionário ou o estudo de caso, como afirmam diversos autores. Abordar a etnografia como metodologia é compreender que as técnicas de coleta de dados e outros recursos próprios desse campo encontram sua natureza e amplitude a partir de uma profunda compreensão da própria antropologia, de sua história passada e presente.

Essa compreensão é reiterada por Peirano (2014), visto que a referida autora parte da visão de que a etnografia é muito mais que um método, é também teoria. Por isso, nossa “aldeia”, isto é, o local de nosso “trabalho de campo”, foi o conto “Esparadrapo”. Lá acompanhamos os dilemas de uma família que muito poderia ser a sua, a minha, a nossa.

Nossos interlocutores são personagens fictícios, mas que muito possibilitam refletir sobre a vida, as relações sociais que traçamos ao longo do dia a dia, o modo com que os sentimentos nos afetam e como podemos educar a nós mesmos e nossas crianças a não aceitar abusos de quaisquer naturezas.

Nesse sentido, “fizemos” observação direta e participante com a família em questão, observando suas rotinas, olhando, ouvindo e escrevendo (OLIVEIRA, 1998) suas conversas informais e acompanhando, juntamente com a Bia, um tal bicho-carpinteiro que muito tem a nos ensinar sobre o amor, a amizade e a autodescoberta.

2. Diálogos entre literatura e antropologia

Não é de hoje que cientistas bebem da fonte de escritores de ficção, bem como não é nenhum segredo o fato de que muitos escritores baseiam suas narrativas em pesquisas antropológicas, sociológicas, históricas e políticas, para criar seus universos ficcionais.

De acordo com Perdigão e Sinder (2017, p. 412-413):

A junção de dados históricos/etnográficos com elementos da ficção constitui possibilidades de escrever um texto. Os romances põem em evidência a linha tênue entre verdade e falsidade, tornando mais significativa a subjetividade do autor como elemento fundante do texto, pois, a partir dela, são refeitas memórias, restabelecidas associações, são re-conectadas pessoas a lugares, etapas de um processo autoral fortemente ancorado na experiência do sujeito que escreve.

Se na antropologia o(a) antropólogo(a) está atrelado(a) à teoria e nas situações vislumbradas em campo, que pode ser uma aldeia de povos originários, uma sociedade ribeirinha, um romance, um conto como o analisado aqui, dentre outros, na literatura o único limite é a imaginação do(a) autor(a). É claro que ao escrever o(a) ficcionista é influenciado(a) por sua biografia, contexto sociocultural, emoções etc., mas não há como negar que a liberdade é mais “ampla” do que a fornecida ao antropólogo(a).

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Espadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

De acordo com Milton Hatoum (2004, p. 83):

Muitas obras de ficção mantêm certos laços de parentesco com a antropologia, e é provável que um romancista seja, em vários casos, um antropólogo imaginoso, livre de amarras teóricas e de estudos de campo. Esse grau de parentesco é variado, mas alguma coisa essencial une o estudo antropológico ao texto de ficção: ambos falam do outro e elaboram um discurso sobre a alteridade.

Esse “outro”, encontrado tanto na literatura ficcional, como em textos antropológicos, é permeado por ambiguidades e por uma gama de diversidades que às vezes impressiona. A tentativa de compreender como os seres humanos interagem entre si e quais suas atitudes diante das mais variadas situações, sejam físicas ou simbólicas, são um dos elementos que unem a antropologia e a literatura. Mesmo no campo da ficção ou de fatos reais, o que está em jogo são as relações humanas e estas são complexas e diversas. Não é a literatura, tampouco a antropologia, que vai conseguir esgotar essa gama de significados que é o ser humano e, por conseguinte, as relações sociais.

Por outro lado, um romance ou conto constrói livremente situações imaginárias, invenções que são refratárias à reflexão teórica ou à pesquisa científica. Isso porque a literatura, a meu ver, não precisa (e nem deve) explicar nada. E aí uma se distancia da outra, mantendo talvez uma forma peculiar de parentesco ou algum tipo de afinidade, pois não são poucas as obras de ficção que se embasam em estudos antropológicos ou relatos etnográficos. (HATOUM, 2004, p. 83)

Espadrapo é, portanto, um universo construído por situações imaginárias, que não busca explicar nada, já que não é um texto científico. Embora seja ficção, fala sobre o “outro”, sobre alteridade, as relações sociais, o papel da família, a construção do ser masculino e do ser feminino, o machismo, o amor, dentre outros assuntos.

Espadrapo se insere na literatura infanto-juvenil. Conforme Maria Mortatti (2001, p. 182):

Por literatura infantil entendo um conjunto de textos – escritos por adultos e lidos por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia.

Nesse sentido, as situações de um livro infantil são geralmente protagonizadas por crianças e possuem teor didático, isto é, visam ensinar algo, especialmente as regras estabelecidas socialmente. Conforme Carvalho, Souza e Souza (2021, p. 07):

“O livro infantil deve ter a capacidade de ir além de ensinar algo à criança: tocar suas emoções, imaginação, sensibilidade e seu modo de ser e estar no mundo. Para uma completa experiência com o livro, é necessário que a criança não só escute histórias, mas também manuseie o livro, mesmo sem ter a habilidade de decodificar as

palavras, pois em sua imaginação, ela tende a recriar as histórias, o que faz com que volte muitas vezes ao livro”.

Com base no que fora exposto acima, um livro infantil precisa fazer com que a criança ultrapasse sua característica didática, bem como os sentimentos produzidos pelo conteúdo lido/estudado. A criança deve tocar o livro, isto é, sentir os efeitos de sua textura, de seu material; deve aprender a ler as imagens para que a imaginação recrie a história, inserir novos personagens, mudar o enredo, o clímax, o desfecho final. De acordo com Souza, Santos e Ferreira (2018, p. 8-9):

Os textos literários infantis fazem recortes da realidade que é apresentado de forma lúdica. Esse tipo de texto é essencial para a formação do leitor, sobretudo o leitor de mundo, pois além de possibilitar um aprendizado da leitura, escrita e oralidade, possibilita também a interpretação de situações corriqueiras do dia-dia.

Além de ajudar na formação do leitor, os livros infantis podem ajudar a compreender o mundo, isto é, a interpretar a realidade como ela é de fato e como ela deveria ser. Para Garcia e Morais (2021, p. 02) “a leitura, ou a falta de leitura é um dos grandes problemas enfrentados pela educação hoje”, o que resulta em graves consequências para a construção dos sujeitos autônomos e críticos de sua realidade.

Portanto, “a inserção da leitura literária na Educação Básica, desde as primeiras séries, podem contribuir para o desenvolvimento do aluno em todos os aspectos, tanto intelectual quanto cognitivo” (MACHADO; MATEUS, 2021, p. 02). E Esparadrappo, sem sombra de dúvida, muito pode contribuir com esse processo. Mas que bicho é esse?

3. Que bicho é esse? As contribuições de Esparadrappo para a sala de aula

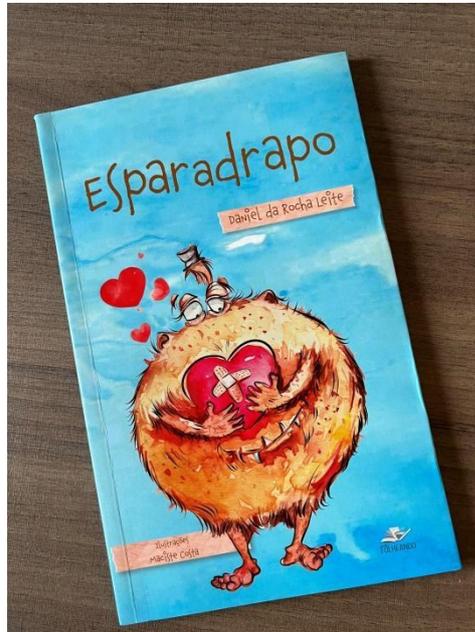
“Esparadrappo” é um conto escrito por Daniel da Rocha Leiteⁱ, autor que em 2007 e 2018, recebeu o Prêmio Carlos Drummond de Andrade/SESC-DF. A narrativa foi selecionada pelo edital de Livro e Leitura – Lei Aldir Blanc de fomento à cultura e conta com ilustrações do também escritor e artista plástico Maciste Costa.

Na capa do livro Esparadrappo, um bicho delicadamente segura um coração que está com um *band aid* (figura 1). Seu olhar é carregado de afetos e as mãos demonstram ter cuidados em relação ao conteúdo pousado entre os dedos. O *band aid* simboliza que algo está machucado, mas nos permite pensar que, por mais que esteja ferido, cedo ou tarde virá à cicatrização, ou seja, logo ficará apenas a marca de um momento difícil. É assim no amor, nas relações sociais. Tudo passa e só nós ficamos. Então temos que cuidar de nós, de nossos

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

machucados, de nossas angústias, de nossos medos. Não podemos deixar que o outro decida por nós aquilo que almejamos.

Figura 1. Capa do livro *esparadrapo* de Daniel Rocha Leite



Fonte: Genisson Paes Chaves

A narrativa de *Esparadrapo* acompanha o universo social vivenciado por Beatriz, uma menina que vive com os pais e o irmão. Em dado momento do enredo, Beatriz escuta uma conversa estabelecida entre seu pai e o irmão. Este diz que ela está com o bicho-carpinteiro e aquele ressalta que “ela é menina, tem esse tempo” (LEITE, 2021, p. 9), o que a incita a buscar compreender que bicho é esse.

Por um momento Beatriz acredita que o tal bicho seja uma doença, mas sua mãe diz que não, que “o bicho-carpinteiro não é uma doença, é um sentimento dentro da gente” (LEITE, 2021, p. 22). A mãe, ao observar a não compreensão da menina, reitera que é “um desassossego dentro da gente” (LEITE, 2021, p. 22), provocado por emoções. Mas afinal, que bicho é esse?

Aos poucos, a narrativa vai revelando o encantamento de Beatriz por Bruno, um coleguinha da escola e das partidas de futebol. Beatriz é uma menina que gosta de jogar futebol. Isso fica evidente no seguinte trecho: “Ela era ela: jogava futebol e bem. Sabia dos dribles do corpo, sabia do tempo da bola, sabia quase parar no ar, outro jeito de flutuar,

esperar a bola, cabecear e gol...” (LEITE, 2021, p. 34). “Ele, o Bruno, era bicho bonito, mas bicho sem palavras. Ele achava estranho ela jogar bola” (LEITE, 2021, p. 34).

No decorrer da trama, a menina percebe que aquele menino que a fazia levitar não era exatamente o que ela imaginava. É nesse ínterim que Bia, a protagonista de *Esparadrapo*, convida o leitor a refletir sobre o que pode ou não ser aceito em uma relação, seja ela de qualquer natureza.

Apesar de apresentar um enredo aparentemente simples e voltado para o público infantil, *Esparadrapo* não deixa de ser um livro interessante e atual, na medida em que toca em problemáticas corriqueiras e demasiadamente caras ao universo adulto. Afinal de contas quem nunca ouviu alguém reclamar de determinados comportamentos do namorado ou da namorada? Ou que já não tenha passado por uma situação desgastante e até perigosa?

Vivemos em uma sociedade líquida (BAUMAN, 2001), marcada por relações superficiais em que a aparência se sobressai em relação à essência/caráter. É por isso que, muitas vezes, escondemos nosso eu interior para apresentar um eu exterior mais aceito, ou seja, mais normatizado, conforme o que é estabelecido socialmente. Aliás, esse aniquilamento do eu interior é brilhantemente ilustrado no conto *Centauro*, presente no livro *Objecto Quase*, do escritor José Saramago (2017).

Por termos medo da força da sociedade e dos mecanismos coercitivos (DURKHEIM, 2004), já que somos julgados pelo outro constantemente, optamos por esconder o que somos e o que realmente queremos ser/fazer.

Devido ao jogo de aparências, muitas vezes, “engolimos” e suportamos atitudes que nos magoam. Tudo por causa do medo do que o outro, ou seja, meu círculo de amigos, família, vizinhos etc. vão pensar. Então aturamos muitas atitudes só para não ficar mal(má) falado(a) e, portanto, ser julgado(a) por esse “outro” que tudo condena.

Corrobora com esse processo de passividade o tipo de educação que recebemos, seja na família, seja na escola, na igreja. Nos dias de hoje não é difícil escutar alguém dizer que a menina, por exemplo, deve aprender, desde cedo, a aceitar seu lugar na sociedade, a viver para servir aos homens, sejam eles seus namorados, maridos, pais, irmãos etc. É, portanto, uma criação que leva a mulher a ser um ser passivo e que necessita aceitar as vontades dos homens. Conforme Chimamanda Adichie (2015, p. 40-41):

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote.” Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

crecem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte.

Já o menino, de modo geral, não é ensinado a fazer tarefas domésticas, e quem faz isso é mal visto, já que um menino não pode varrer a casa, lavar louça etc., pois isso é considerado trabalho de mulher. Também não pode demonstrar medo, tampouco fragilidade, o que corrobora com o escamoteamento dos receios que possivelmente guarda dentro de si, já que não é incentivado a expressar suas emoções.

Segundo Chimamanda Adichie (2015, p. 41-42): “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como *devemos* ser em vez de reconhecer como *somos*. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero”.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2019) o “índice de violência doméstica com vítimas femininas é três vezes maior que o registrado com homens”. Segundo Sheila Oliveira, do site e agência de notícias Brasil de Fato (2020), “Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia no Brasil” e a “cada 2 minutos, uma mulher é agredida no Brasil” (CORREIO BRAZILIENSE, 2021).

Os dados acima revelam a violência como uma das faces do Brasil. E essa banalização da violência (ARENDDT, 2007) muitas vezes se manifesta de maneira sutil, já que muitos dos envolvidos acabam por naturalizar determinadas atitudes, geralmente não as percebendo como atitudes violentas e carregadas de imposições e preconceitos. Talvez seja por isso que e, de modo geral, as pessoas têm dificuldade e medo em perceber um olhar, um gesto ou uma insinuação, como indícios de violência.

Nesse sentido e conforme Pereira (2016, p. 13):

A literatura é arte, é a representação do homem e da vida através das palavras. Ela pode transformar sonhos em realidade, aguçar a criatividade, o imaginário e tornar possível ao homem conhecer a si mesmo. Pode-se dizer que, além de ser representação, a arte cria e recria a realidade. Dessa forma, a literatura proporciona experiências relevantes que contribuem no processo de formação do ser humano.

Em *Esparadrapo* Beatriz, por exemplo, é uma menina que gosta de jogar bola. Mas sua preferência não é bem vista por Bruno, o menino que faz com que ela se esbarre com os dilemas do primeiro amor. Bruno tem a convicção de que futebol não é esporte para meninas, o que o leva a dizer que: “– Isso não é pra ti, garota! Futebol não é pra menina” (LEITE, 2021, p. 35).

O julgamento acima reitera a ideia de que uma menina não pode jogar futebol e isso também pode ser estendido para outros brinquedos, como o carro, por exemplo, brinquedo marcadamente pertencente ao universo masculino. Uma menina também não pode ter “jeito de menino”, não pode isso, não pode aquilo, não pode tanta coisa... Quem nunca ouviu, não é? E isso é cada vez mais reforçado pelas instituições sociais, especialmente a escola e a família que compartilham frases como “deixa disso, menina!” ou que “isso não é pra ti, vai arrumar a casa, vai lavar a roupa do teu irmão...”.

Na narrativa de Esparadrapo, o personagem Bruno nada mais é do que a representação dos valores que ditam normas sociais extremamente enraizadas em nossa cultura. Bruno pode ser nosso vizinho, nosso irmão, pai, amigo e até estar dentro de nós mesmos. Ou seja, ser uma espécie de “bicho-carpinteiro” que nos julga e que inibe nossos mais profundos desejos.

Ao observar ainda mais as atitudes do garoto, Beatriz, aos poucos, vai percebendo que ele era violento, pois gostava de machucar os coleguinhas da escola, como fica evidente no seguinte trecho:

Durante o jogo, Bruno era o cotovelo. Assim era e ficava feio. Não sabia de fintas limpas, encantar a bola, aliviar o peso do corpo. Com ela, durante os treinos, ele não sabia de afetos, de jogar bonito. Só sabia de cotovelos em todas as jogadas; ele, bom de bola, mas jogava cotovelos, sempre machucava e gritava com todas as pessoas. Ela, Bia, desgostava dele. (LEITE, 2021, p. 36)

Por esse motivo o rapaz passou a ser apelidado de o cotovelo do jogo. A violência é, portanto, um dos elementos que fará com que Beatriz se afaste do rapaz que até então causava borbulhas dentro de sua barriga. São, portanto, as atitudes de Bruno que fazem com que Beatriz reflita sobre os sentimentos que têm em relação ao menino e a si mesma.

A mudança de olhar aos poucos faz com que o véu que encobria Bruno caia por terra. Então Beatriz começa a ver outro garoto no lugar daquele que tanto nutria afetos. Bruno não mudou, continua o mesmo rapaz. O que mudou foi o olhar de Beatriz diante do mundo, diante de si mesma. E isso, sem dúvida, figura como um tipo de revolução. Não a do tipo que se utiliza armas, mas daquelas que nos transformam em nós mesmos.

Apesar de ser alertada pelo irmão, como pode ser percebido no seguinte trecho: “– Olha... Bia, sossega, eu estou de olho. Olha lá... cuida de ti” (LEITE, 2021, p. 32), Bia sabia se cuidar, pois também tinha consciência do que estava acontecendo. Isso fica evidente em uma de suas falas: “– Eu também tenho o meu olho... e eu sei olhar” (LEITE, 2021, p. 32). Esse olhar

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrão*, de Daniel da Rocha Leite

pode ser interpretado como o tipo de leitura que Bia tem do mundo e possivelmente, da educação que recebeu dos pais.

Então, Bia passa a desgostar de Bruno, e ao mesmo tempo, começa a se perguntar sobre a existência de outros Brunos, de outros bichos-carpinteiros. Isso fica evidente no trecho a seguir: “Tinha de ser um outro Bruno, ou outro bicho-amor, um bicho bonito com outros gestos e com outras palavras que não deixassem dores na respiração e machucados na pele e nos pensamentos” (LEITE, 2021, p. 36).

Ou seja, não tinha que ser aquele Bruno, não podia ser aquele rapaz, tinha que ser outro, alguém que respeitasse os demais colegas e os gostos de Beatriz. Como dito, Bruno não gostava de ver Bia jogando futebol, esporte que a garota tanto amava. Ela poderia abandonar suas preferências para continuar ao lado do rapaz, mas felizmente não se deixou levar pelos desejos do outro, optando por ser ela mesma e por seguir aquilo em que acreditava ser o melhor para si.

Para Antônio Cândido (2016), o escritor desempenha uma função social dentro de sua sociedade. É, portanto, testemunha de seu tempo. Essa ideia é reiterada por Facina (2004, p. 9) que diz que “os escritores são produtos de sua época e de sua sociedade”. É nesse contexto que Daniel da Rocha Leite apresenta os sentimentos de uma menina que está por descobrir o amor e a adentrar em uma sociedade marcadamente machista que, muitas vezes, desvaloriza a mulher, tratando-a como um ser inferior e que deve estar a serviço das vontades dos homens.

Frases como as seguintes: "Não era amor quando me afastei de todos os meus amigos para estar numa relação."; "Não era amor quando eu tinha que me desculpar por algo que eu não tinha culpa só para que as coisas ficassem 'bem'. "; "Não era amor quando ele me dizia que eu tinha sorte dele me amar tanto porque ninguém me suportaria.", retiradas do Twitter durante a semana do Dia dos Namorados e que compõem a campanha #NãoEraAmorQuando, criada para combater relacionamentos abusivos (BBC News Brasil, 2020), são ilustradoras de relações nocivas e que causam sérias consequências aos envolvidos.

Então, quantas tragédias talvez não poderiam ser evitadas se ensinássemos nossas “Bias” a dizer não, a fugir de relacionamentos tóxicos e abusivos? A dizer que nós não merecemos alguém que nos trate mal, que enterre nossos sonhos, que nos faça desacreditar de nós mesmos(as)!

Um dos autores lembra-se de alguém de sua família certa vez dizer que era feio uma mulher “desquitada”, ou seja, estar separada, sem nenhum marido ou namorado. Mas era mais feio ainda ver uma mulher “que vive pulando de pau em pau”, se referindo a quem tem vários relacionamentos. Ou que “ele é meu marido” ou “é teu marido, minha filha”, um claro indício de justificar a postura inadequada de determinados homens, o que corrobora com a ideia de que, por mais que o homem não preste, é necessário manter o casamento, pois o que deve prevalecer é a imagem do casal, da família e não a felicidade dos envolvidos.

Quem também nunca escutou alguém dizer que “homem é assim”, o que sugere uma clara naturalização da traição e dos maus-tratos infringidos contra mulher.

É no âmbito dessa discussão que a ficção ganha grande relevância. Pois conforme Castello (2009, p. 174), “a ficção não é um espelho do mundo. É, sim, uma segunda dimensão desse mundo, que o suga e repuxa, ou o alimenta e expande”. O que significa dizer que as narrativas literárias têm muito a nos ensinar. Segundo a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em entrevista concedida ao Programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 14 de junho de 2021: “acredito de verdade no poder da narrativa. Acho que as histórias têm muito mais força do que a teoria, porque quando você tenta convencer uma pessoa, se você conta uma história, aquilo fica nela. Então, eu uso histórias”.

Dessa maneira: “Por mais que o bicho-bruno-carpinteiro fosse um bicho bonito, era um bicho-bruto e isso Beatriz não aceitava de bicho-qualquer. Ela sabia desgostar e desgostar para sempre (LEITE, 2021, p. 38). Então, Beatriz tem muito a nos dizer ao se afastar daquele “Bruno” que não a valorizava, que não a fazia bem, que não a merecia. Ela pensava em si. Pois, por mais que Bruno fizesse Beatriz flutuar (isso fica evidente na fala de seu irmão), Beatriz reitera a ideia de que: “– A gente só sabe flutuar quando algo é bom para a gente” (LEITE, 2021, p. 32) e Bruno já não a fazia flutuar. Não valia a pena continuar aquela história, já que o personagem demonstrou ser uma pessoa que ia de encontro ao que Beatriz considerava errado ou danoso.

Acreditamos que esteja aí o valor de *Esparadapo*, um livro que embora tenha apenas 43 páginas, por sinal, com belíssimas ilustrações, planta, com maestria, uma semente que pode brotar no coração de meninos e meninas, fazendo-os perceber, desde já, o que podemos ou não permitir o que aconteça com nossos corpos e mentes. É um livro que

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

permite ao leitor pensar no bem, no mal, no certo, no errado, no que queremos para a nossa vida. Se nosso corpo é um templo, as portas de acesso são guardadas por nós mesmos.

Se a literatura não tem o poder de transformar o mundo, ao menos tem o dom de nos transformar em nós mesmos. E isso é um passo importante para a concretização de uma sociedade mais diversa e mais equitativa. Portanto, vemos em *Esparadrapo* um conto com potência de fazer com que a criança aprenda, desde cedo, a compreender os próprios sentimentos, gostos, desejos etc.

4. Conclusão

Conforme dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*ⁱⁱ, realizada pelo Instituto Pró-Livro, o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. “O total de leitores, segundo o levantamento, chega a aproximadamente 100 milhões e corresponde a apenas 52% da população”ⁱⁱⁱ. De acordo com o *Jornal Correio do Estado*, a ausência de estímulo durante a fase infantil, embora não seja o único motivo, é o que mais conta para um indivíduo tornar-se alguém averso ao hábito da leitura. No Brasil, a média de livros lidos na íntegra é de 2,4 exemplares por ano, e 30% dos leitores admitem não compreendê-los facilmente”ⁱⁱⁱ.

Esparadrapo é um livro que você lê sem esperar grandes surpresas, mas acaba se encantando pela delicadeza, pela beleza das palavras, das belas imagens que os desenhos e as entrelinhas do texto criam na mente, e é claro, pelas lições que o livro sopra como um fruto cujas sementes vão se espalhando e germinando no coração de cada leitor e leitora que se propõe a navegar na jangada desta breve narrativa.

Bia lê o mundo de forma crítica, pois já tem o entendimento de que é uma menina que gosta de futebol e que essa preferência infelizmente ainda não é vista com bons olhos por certos segmentos da sociedade. Bia é uma menina comum, poderia ser eu ou você. É uma menina que abre seu coração para o(a) leitor(a). Por ela experimentamos o amor nutrido por um rapaz que ela julga conhecer, mas que nada conhece. O gostar de Bia não é alienado, longe disso. A garota sabe o que quer da vida, pois tem consciência de seu lugar no mundo e do que deseja para si.

Esparadrapo é um convite a mergulhar dentro do que eu quero e do que eu não devo aceitar. Nas palavras que apresentam o livro, Dia Favacho diz que: “O bicho-carpinteiro inquieta, mas não rói o coração de menina livre. Embaixo ou fora dos lençóis, Bia sabe meter medo aos seus medos”. É tentando compreender um sentimento que a faz experimentar

novas sensações que Bia libera o corpo de algo que pode causar-lhe mal. Pois Bia aprendeu a grande lição, ou seja, sabe se amar acima de tudo e aos poucos foi compreendendo que é preciso criar coragem para bater de frente com os nossos próprios medos em uma sociedade marcadamente desigual e preconceituosa.

Esparadrapo é um bom livro para trabalharmos em sala de aula, para fazermos crianças refletirem sobre questões que são caras aos jovens e aos adultos. É um convite à autorreflexão, ao combate ao preconceito e, portanto, a flutuar.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 14 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pxeg2zWOotE> >. Acesso em: 19 jun. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das letras, 2015. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/7771/material/LIVRO%20Sejamos-Todos-Feministas.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BBC News Brasil. **Amor ou abuso**: como identificar se você está em um relacionamento abusivo. Por Laís Alegretti, 11 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52998256>. Acesso em: 11 ago. 2021.

BRASIL DE FATO. **Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia no Brasil**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/uma-mulher-e-morta-a-cada-nove-horas-durante-a-pandemia-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLO, José. Lygia na penumbra. Posfácio. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 169-175.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2016. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/candido-literatura-e-sociedade-copy.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2023.

CARVALHO, Tainah dos Santos; SOUZA, José Batista de; SOUZA, Suely Cristina Silva. Literatura infantil: a importância da prática docente para a formação do leitor. **Revista Cocar**, Belém, v.15, n.32, 2021, p.1-21. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4140#:~:text=Os%20resultados%20o>>

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

btidos%20deixam%20claro,indiretamente%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20leitor>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CORRÊA, Paulo Maués. Daniel da Rocha Leite e o “burburinho” da inclusão. **Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, ANO XI, n. 1, p. 01-08, 2019. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1777>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

CORREIO BRASILIENSE. **Violência doméstica: A cada 2 minutos, uma mulher é agredida no Brasil**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4881286--a-cada-2-minutos-uma-mulher-e-agredida-no-pais.html>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DURKHEIM, Émile. **As regras do Método Sociológico**. Tradução: Eduardo Lúcio Nogueira. 9. ed. Barcarena-Portugal: Editora Presença, 2004. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/05/As-Regras-Do-Metodo-Sociologico-Emile-Durkheim.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GARCIA, Alice Corrêa; MORAIS, Eduardo Henrique Modesto de. Projeto de Leitura e Letramento Literário: um relato de experiência na Educação do Campo. **Revista Cocar**, Belém, v.15, n.33, p.1-17, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4430>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

GUSMÃO, Neusa. Antropologia e educação: um campo e muitos caminhos. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n.44, jan./abr. 2015, p. 19-37. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4463>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

IPEA. **Índice de violência doméstica é maior para mulheres economicamente ativas**. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34977>. Acesso em: 10 jun. 2021.

HATOUM, Milton. “Laços de parentesco. Ficção e antropologia”. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas et al. **Antropologias, Histórias, Experiências**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 135-141.

LEITE, Daniel da Rocha. **Esparadrapo**. Belém: Editora Folheando, 2021.

MACHADO, Eliane Miranda; MATEUS, Andréa Martins Lameirão. “O Patinho Feio” e “Menina Bonita do Laço de Fita”: Ensino de Literatura e combate ao Bullying na Educação Infantil. **Revista Cocar**, Belém, v.15, n.33, p.1-20, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4827>>. Acesso em: 04 set. 2022.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários**, Araraquara, 17, 179-187, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/3458>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

PERDIGÃO, Elaine Rodrigues; SINDER, Valter. Etnografia e ficção em perspectiva. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 19 n. 2, p. 411-425, dez., 2017. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/32018>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PEREIRA, Dinelza de Andrade. **Sapos e príncipes? A literatura, a formação, as metamorfoses e o destino da gente**. 2016. 41f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal Fluminense, Angra do Reis, 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. UNESP; Paralelo 15. Brasília; São Paulo, 1998, p. 17-35.

SARAMAGO, José. Centauro. In: SARAMAGO, José. **Objecto quase**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 105-124.

SOUZA, Jossimara de; SANTOS, Joelma de Jesus Oliveira; FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. A importância da literatura na educação infantil e a formação social do aluno. In: **Anais...** 11 Encontro Internacional de Formação de Professores; 12 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional; 4º Encontro Estadual da Associação Nacional pela Formação de Professores Seção Sergipe, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/G%C3%AA/Downloads/8940-34451-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

VIEIRA, Paulo Roberto; DARWICH, Rosângela Araújo. Ensinando literatura na floresta: rios, cachoeiras, praças e saraus na Educação do Campo na Amazônia. **Revista Cocar**, Belém, v.16 n.34, p.1-18, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4584>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Notas

ⁱ Daniel da Rocha Leite “é natural do Rio de Janeiro, mas se radicou no Pará, onde possui uma consistente carreira literária, pois é ganhador de vários prêmios literários. Ele é advogado e graduado em Letras-Alemão, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, além de mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, pela Universidade da Amazônia – UNAMA, e está cursando doutorado em Estudos Comparatistas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – ULB. Sua bibliografia é extensa e variada, com obras em verso e prosa, destinadas ao público adulto e ao infante-juvenil.” (CORRÊA, 2019, p. 01-02)

ⁱⁱ Pesquisa disponível em: <<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>>. Acesso em 28/08/2022.

“A gente só sabe flutuar quando algo é bom”: uma análise do conto *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

ⁱⁱⁱ Correio do Estado. Saiba como anda a leitura dos brasileiros e por que o hábito é considerado tão favorável. Disponível em: < <https://correiodoestado.com.br/correio-b/saiba-como-anda-a-leitura-dos-brasileiros/386027>>. Acesso em 27/08/2022.

Sobre os autores

Genisson Paes Chaves

Doutorando e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Possui graduação em Ciências Sociais (UFPA) e em Pedagogia (Uninter). É especialista em Extensão Rural, Sistemas Agrários e Ações de Desenvolvimento (UFPA); em Educação Especial e Inclusiva (Uninter); e em Sociologia pela Universidade Cândido Mendes. Atua como professor da Secretaria de Educação do município de Parauapebas (PA).
E-mail: paes.paesg@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>

Anael Souza Nascimento

Doutoranda e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Possui graduação em Engenharia Ambiental pela Universidade do Estado do Pará.
E-mail: eng.anael@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7734-7665>

Recebido em: 24/09/2022

Aceito para publicação em: 28/09/2023